

Desnudar diante do Eterno

Orar é algo que aprendemos. É essa a ideia que estamos trabalhando ao longo de nossa conversa. Richard Foster em seu clássico “Celebração da Disciplina” nos lembra que os discípulos pediram a Jesus que os ensinasse a orar (Lc 11.1) e que portanto a oração é algo que vamos aprendendo.¹ Vamos tateando, errando e acertando até aprendermos a nos apresentar inteiros diante do Eterno com o coração e a mente no lugar certo, empregando a linguagem para comunicar e relacionar.

Philip Yancey usa uma metáfora muito útil, nos lembrando que aprendemos a falar com a convivência e a prática do dia-a-dia, mas que em algum momento aprendemos algumas regras sobre gramática e ortografia na escola que dão um formato melhor a maneira como nos comunicamos. Todavia, assimilamos estas diretrizes e depois sequer pensamos nelas. Falamos e escrevemos do jeito correto, mas sem necessariamente empunhar regra por regra. Elas foram internalizadas, cumprem o seu papel mas não estão no centro do palco. A oração é algo semelhante: aprendemos a orar orando, mas em algum momento buscamos nas Escrituras diretrizes, modelos e ensino que possam aprofundar e dilatar nossa vida de oração. Não para nos prendermos definitivamente a elas, mas para que elas possam nos guiar na prática diária sem funcionar como uma camisa de força.²

Pois bem, há algumas coisas que precisamos aprender para dilatar a vida de oração. É sempre importante lembrar: as vezes ficamos procurando descobrir como orar “direito”, mas esquecemos que não existe uma fórmula de oração que possa ser repetida sempre e funcionar. Para aqueles que estão procurando essa fórmula mágica, Yancey dá um conselho: “relaxar”.³

Já conversamos sobre a motivação correta, os elementos que Jesus nos ensina a inserir em nossa vida de oração e vamos aprender mais um elemento que é essencial para a vida de oração fluir: sinceridade. Ao darmos uma olhada em alguns salmos como 51, 70, 73, 32 e outros veremos que todos eles foram escritos com doses cáusticas de sinceridade. A sinceridade na vida de oração é simplesmente nos apresentarmos sem máscaras para o nosso Pai, de maneira a verbalizar o que estamos realmente sentindo, pensando, nossas dúvidas e angústias. É o ato de nos desnudarmos completamente na presença do Pai.

Muitas vezes oramos dizendo a Deus o que achamos que ele gostaria de ouvir, contudo não devemos construir nossos esforços de oração dessa maneira. Se estamos orando ao Pai amoroso que nos conhece, sabe tudo de nós e se importa conosco verdadeiramente então não há espaço para atuação ou fingimento de nossa parte. Lembre sempre do Salmo 139: antes que abramos a nossa boca, o Eterno já vê nosso coração. Precisamos confiar no amor de Deus o suficiente para nos abirmos completamente com Ele, a respeito até mesmo das dificuldades que temos em obedecê-lo, pecados que estão entranhados em nossa rotina, dúvidas a respeito do próprio Deus e outras coisas.

É óbvio que existe uma diferença enorme entre trazermos nossas questões diante do Eterno e a murmuração. O Salmo 95 faz uma alusão aos eventos que culminaram em uma grande murmuração por parte do povo contra Deus (Êx 17.1-7). A murmuração, ao invés de levar suas questões a Deus com humildade e sinceridade, reclama de Deus e coloca em dúvida sua bondade e cuidado, dizendo: “O Senhor está entre nós ou não?” (Êx 17.7). Podemos dizer de maneira até meio simplista que a sinceridade leva suas queixas a Deus, enquanto a murmuração queixa-se de Deus. Devemos discernir entre um e outro.

¹ FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina* – 2a Edição. São Paulo: Editora Vida, 2007, p.71

² YANCEY, Philip. *Oração*. São Paulo: Vida, 2007, p.211

³ YANCEY, Philip. *Oração*. São Paulo: Vida, 2007, p.211

Diálogo terapêutico

Por que a oração é um diálogo sincero com um Pai que nos ama e que cuida de nós, a oração tem um profundo potencial de cura sobre a nossa alma. O momento de encontro com o Pai de fato nos cura, nos lava, enxágua e fecha as feridas.

Um bom exemplo de como a oração pode ter um efeito profundo sobre a saúde de nossa alma se for sincera é a coleção de orações de Jeremias conhecida como “As Confissões de Jeremias”. As confissões de Jeremias são orações cáusticas, feitas em momento de profundo desespero pelo profeta e que mostram o drama vocacional de Jeremias. A maioria dos estudiosos, incluindo Eugene Peterson, afirmam que são em número de sete: 8.18 – 9.3; 11.18-23; 12.1-6; 15.10-12, 15-21; 17.14-18; 18.18-23; 20.7-18.⁴

Gerhard von Rad afirma que qualquer interpretação do livro de Jeremias tem de passar invariavelmente pelas confissões do profeta, e chega mesmo a afirmar que as confissões devem estar ao centro da abordagem, devido a serem o ponto de partida de leitura dos primeiros intérpretes do livro de Jeremias.⁵ Acima de tudo as confissões são momentos de relacionamento puramente sincero do profeta para com Deus.⁶ São momentos nos quais Jeremias externa completamente seu sofrimento, sua dor, sua revolta e sua angústia diante do Eterno. Para termos um vislumbre da acidez das confissões, vamos dar uma olhada na última confissão de Jeremias contida no capítulo 20, versos 7 a 18.

Tu me forçaste a isso, ó Deus, e eu permiti que o fizesses. Mas foi demais para mim e agora virei motivo de piada.

Todos zombam de mim. Toda vez que abro a boca, estou gritando: “Assassinato!”, ou: “Estupro!”.

E tudo que recebo por transmitir as advertências do Eterno é insulto e desprezo.

Mas, se digo: “Esqueça! Não vou falar mais nada que venha do Eterno!”

As palavras queimam como fogo no meu coração, incendiam meus ossos.

Estou exausto, tentando segurá-las dentro de mim. Já não aguento mais!

Então, ouço cochichos atrás de mim: “Lá vai Perigo por Todos os Lados. Prendam-no! Alguém o denuncie!”.

Velhos amigos me vigiam, esperando que me descuide: “Um passo em falso e o pegamos. Vamos nos livrar dele!”.

Mas o Eterno, o guerreiro mais valente, está do meu lado. Meus perseguidores vão levar o maior escorregão e cair de cara no chão, um espetáculo de humilhação que ninguém vai esquecer.

Ó Senhor dos Exércitos de Anjos, ninguém te engana. Tu enxergas o que se esconde dentro de tudo e de todos.

Quero que eles recebam a paga pelo que fizeram. Entrego minha causa a ti.

Cantem ao Eterno! Todos os louvores sejam dados ao Eterno! Ele salva os fracos das garras dos maus.

Maldito seja o dia em que nasci! O dia em que minha mãe me deu à luz! Seja maldito, repito!

E maldito seja o homem que levou a notícia ao meu pai: “Você ganhou um filho, é menino!” (Como ele ficou feliz). Que aquela notícia de nascimento seja esquecida, apagada dos registros,

E que o homem que a trouxe seja caçado até morrer por causa da má notícia que trouxe.

Ele deveria ter me matado antes de eu nascer — o útero seria meu túmulo, minha mãe ficaria grávida pelo resto da vida com o bebê morto na barriga.

Por que fui sair daquele útero? A vida até agora tem sido apenas tribulação e lágrimas, e o que está por vir não é diferente.

Para nossos padrões essa oração pode parecer até mesmo blasfema e insolente, especialmente quando o profeta afirma que Deus o forçou a ser profeta e que se pudesse, Jeremias escolheria não proclamar a Palavra do Senhor. Essa oração nos deixa chocados pela sua agressividade, mas ao mesmo tempo precisamos nos lembrar: Jeremias recebeu seu chamado ainda jovem, não pôde constituir família, pregou para uma geração que não desejava se arrepender, foi acusado de ser um traidor da nação, seus familiares e amigos tramaram sua morte, foi preso e espancado, injustiçado e perseguido.

Jeremias ainda verá Jerusalém ser sitiada e completamente destruída pelos babilônios e ao fim irá para o exílio e lá tanto escreve o livro “Lamentações”, como continua a proclamar a Palavra de Deus para aquela geração até o fim de sua vida. Por que tratou de seu sofrimento da forma mais brutalmente sincera na presença de Deus, Jeremias não destruído por ele e aqui há uma lição importante: quando negamos nossa própria dor, angústia, medo, sofrimento e raiva estamos nos violentando e minando nossa própria saúde emocional e espiritual. Mas se orarmos com sinceridade, abrindo nosso coração para o Senhor e permitindo que o Espírito nos lave e nos console, vamos experimentar a cura e a saúde interior prometida pelo Eterno.

⁴ PETERSON, Eugene H., *Corra com os cavalos*. Viçosa: Ultimato, 2003, p.118

⁵ RAD, Gerhard von; *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste/ Targumim, 2006, p.627

⁶ RAD, Gerhard von; *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste/ Targumim, 2006, p.626